

A POTÊNCIA INVENTIVA DAS CRIANÇAS AGENCIANDO CURRÍCULOS-GAIA

Juliana Paoliello Sánchez Lobos¹

Tereza Maria Schuchter²

Nilcea Elias Rodrigues Moreira³

Resumo: Objetiva movimentar o pensamento acerca dos possíveis que são engendrados por meio das enunciações infantis nos cotidianos dos Centros Municipais de Educação Infantil. Aposta na força que desterritorializa formas curriculares prescritivas que, por sua vez, desvinculam-se das potências inventivas das crianças como criação de mundos possíveis. Os mundos possíveis são acontecimentos que abrem fendas em territórios enrijecidos que, por meio das subversões curriculares, lançam-se em movimentos nômades agenciando currículos-Gaia. Aposta na força da geofilosofia como produção de conceitos que ajudam na problematização dos currículos molares e na potência de currículos que afirmam a vida para além das prescrições determinadas pelos documentos oficiais. O referencial teórico é inspirado na filosofia da diferença, que tem como intercessores Deleuze e Guattari. O presente artigo se constitui a partir de uma pesquisa produzida em 2016 e utiliza como recurso metodológico a cartografia em intercessão com os estudos com cotidianos. Conclui-se apontando que as crianças trazem os enunciados como força nos processos educativos que agenciam a vida em meio aos desejos que rompem com os dogmatismos. Essa enunciação coletiva revela uma grupalidade que move os afetos a partir de um coletivo que deseja que os processos educativos aconteçam em meio a uma vida imanente.

Palavras-chave: Crianças; enunciações infantis; currículos-Gaia.

Abstract: This article aims at movimenting the thought around the possibilities brought by children's assertions in the daily life of the Municipal Elementary Schools. It pledges on the strength that reforms prescriptive curriculums, which are far from children's inventive potential towards creating possible worlds. The possible worlds are occurrences that open holes in unchanging territory, producing, through curricular subversions, streams that propel nomadic movements which creates a curriculum-Gaia. It pledges on the concepts of geophilosophy in the production of concepts that help in the discussion of toughened curriculums and in the potential of curriculums that recognize that life is beyond the imposed prescriptions of official documents. The theoretical referential is inspired in the philosophy of difference, which has Deleuze and Guattari as intercessors. The present article is based on a research held in 2016 and uses cartography in intersection with daily life studies as the methodological approach. It concludes pointing that children bring minor assertions as a changing force in the educational process, which engender life as desires and aspirations beyond imprisoned realities. This collective enunciation reveals a gruppality that moves affections through the notion of a collective, which desires that the educational process happen amongst an immanent life.

Keywords: Children; infantile assertions; curriculum-Gaia.

¹ Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES-PPGE) – E-mail: julianapaoliello@yahoo.com.br.

² Professora doutora na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES-CE) – E-mail: terezaschuchter@yahoo.com.br.

³ Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES-PPGE) – E-mail: nermoreira@gmail.com.

A terra não é um elemento entre outros, ela reúne todos os elementos num mesmo braço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território
(DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113)

Ousar escrever com as crianças é sempre uma ousadia! É preciso adoecer as palavras para fazer-se entender. É entrar em disfunção! É preciso estar criança para escrever com elas. É sempre movimento de desterritorialização. É entrar em terrenos movediços. É tentar puxar os cabelos da água. São sempre tentativas de invencionices! Alterar movimentos! Burlar! Produzir diferença na diferença! “Produzir diferença é criar possibilidades de fluxos de pensamento, tirá-lo do repouso” (CARVALHO, 2012a, p. 229). Tirar as coisas do lugar e dizer: agora sim!

As intensidades das linhas sensíveis deste texto, por força de um devir-escrita, são uma tentativa rizomática de potencializar as enunciações infantis por meio de agenciamentos coletivos de enunciações criancieiras e suas implicações com os processos de produção curricular que se constituem em movimentos de devir. Assim, enredaremos esses fios escriturísticos por meio deste devir-escritor que habita as pesquisadoras, a fim de potencializar uma produção curricular menor⁴, que nos permita encontros com as crianças, com docentes, com as imagens e com a arte e com a música e com a poesia e com as palavras e com a terra e... Encontros que aumentam nossa potência de problematizar currículos outros e suas relações com os processos de produções a partir das Filosofias da Diferença, que têm como intercessores teóricos principais Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esta escrita tece linhas de composições conceituais e cosmopolítica, a fim de movimentarmos pensamentos, por meio dos afetos que *crianceiam* e agenciam os processos da/na produção de currículos que se constituem por meio da potência inventiva⁵ das crianças. Seguindo essa linha, a proposta é produzir problematizações que rompam com a hegemonia totalizante que insiste numa prescrição curricular maior e por isso soberba, em que os afetos não conseguem passar, tornando-a impotente. Prescrições enfadonhas, sem qualquer possibilidade de transpor afetos. Seguindo por esta linha, a produção curricular não se faz de modo neutro, pelo contrário, ela vem sempre encharcada das leituras que fazemos, dos coletivos que compomos, das conexões efetuadas nas dobras dos movimentos e daquilo em que nos inspiramos. Sendo assim, seguindo pela esteira de Deleuze (1992, p. 176), quando trata da escrita, em *Conversações*, buscamos um currículo em meio à vida. Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isso, é necessário que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo. O estilo cava na linguagem diferenças de potenciais entre as quais alguma coisa pode passar, pode se passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem. Os clarões podem nos fazer ver e pensar o que parecia, na sombra, em torno das palavras, entidades cuja existência mal suspeitávamos. Deleuze (1992) nos força a pensar sobre um estilo que afirma uma escrita em meio à vida. Um estilo na linguagem, no qual se cria uma língua própria na mesma língua. Desterritorializar as palavras, para que a língua gagueje em meio aos contorcionismos que subvertem uma língua maior. Escrever para dar a vida nos remete a romper com as dicotomias, com os binarismos, com os consensos que têm por base a racionalidade moderna e, assim, podermos produzir ruídos, deformidades, desconformidades, perturbações no sensível. Produzir currículos, nesse sentido, é produzir buracos no vazio, é fazer/criar currículos menores. Pensar, escrever,

⁴ Não nos referimos ao sentido de menor no aspecto de sua dimensão, mas como aquilo que está à margem. Uma produção curricular não oficial, entretanto que emerge como força capaz de transpor com a doxa de um processo de *aprenderensinar* ainda dogmáticos.

⁵ O sentido de invenção neste trabalho pressupõe inventar problemas. “[...] O problema não é uma forma percebida, não é uma imagem, é, antes uma potência de chegar a imagens, mas ter, em princípio, sua forma exterior e aparente” (KASTRUP, 2007, p. 117).

produzir, artistar, inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas curriculares, como nos inspira Corazza (2007). Inventar currículos! Currículo-estilo. Currículo-marginal. Currículo-revolucionário. Currículo-resistente. Currículo-imprevisível. Currículo-incerto. Currículo-cambiante. Currículo-sorrateiro. Currículo-errante. Currículo-nômade. Currículo-radical. Currículos... Currículos-gaia! Segundo Gallo (2007), a Filosofia da diferença de Deleuze e Guattari tem essa poderosa ferramenta, que potencializa o que está à margem, aposta na potência do menor e produz corte nele próprio, de modo a “preencher” nessas fissuras os possíveis para uma política de afirmação da vida e conseguir, minoritariamente, produzir sentidos outros para os currículos. Sentidos que buscam, nessas ideias-forças, pensar/propor modos de aprendizagens que afirmem a vida na sua dimensão criadora; como uma experimentação radical em que a vida não seja apenas de si, mas que bifurquem, trifurquem linhas-fluxos de conexões Gaia: pensar a terra na sua relação com a política, com a sociedade, com o bem-estar comum, cosmopolita! Nesse conjunto de encontros, de bons encontros, há sempre forças que nos fecundam. Forças estas que inspiram aberturas outras. Assim, o encontro com Deleuze e suas obras, sobretudo, em Kafka, potencializa deslocamentos significativos acerca do conceito de “menor”, para problematizarmos as enunciações infantis e suas implicações com a produção curricular. Tomadas pela ideia de menor, foi possível estabelecer tessituras com os conceitos que serão trabalhados nessas linhas de escritas que, aos modos crianceiros, delineiam possíveis contornos com os movimentos de devir, que serão percorridos durante o processo deste ensaio. Unindo forças do devir como do “menor”, no sentido deleuziano, exprimimos a ideia de um devir-menor para contornar paisagens nas produções curriculares, por meio das lutas micropolíticas cotidianas e suas resistências para inventar, criar modos de existência outros. Gallo (2002, p. 172), ao fazer o exercício de deslocar conceitos para pensar a educação menor, aponta:

Minha pretensão [...] é a de promover um exercício de deslocamento conceitual: deslocar esse conceito, operar com a noção de uma educação menor, como dispositivo para pensarmos a educação [...] Insistir nessa coisa meio fora de moda, de buscar um processo educativo comprometido com transformações no *status quo*; insistir nessa coisa de investir num processo educativo comprometido com a singularização, comprometido com valores libertários. Em suma, buscar um devir-Deleuze na educação.

Este trabalho-escrita se inscreve, portanto, num movimento rizomático de intensidades, que traçam contornos sensíveis com linhas que desenham paisagens em movimentos de problematização, que buscam proporcionar uma leitura que produza afecções e ative modos de pensar para além da representação, dos clichês que estão, de certo modo, postos no campo dos currículos. Apostamos, assim, por meio das experimentações de nossas pesquisas, mover pensamentos a partir da potência inventiva das crianças que habitam os territórios escolares, como vetores que agenciam uma produção curricular em meio à vida, na sua relação com Gaia, entendendo que nossas ações se acoplam à expansão planetária. Entretanto, cabe a urgência/emergência de refutar as concepções das lógicas que se perpetuam como ideais, como soluções, como avanços no campo das discussões curriculares e, por isso, têm distanciado e devastado as possibilidades de composição deste grande corpo Gaia, do qual somos incessantemente produzidos e produtores. Nesta dobra/meio, tal produção nunca será neutra.

Dos enunciados infantis à produção dos currículos-Gaia

A obra *O que é a Filosofia?*, de Deleuze e Guattari, convoca-nos a movimentar o pensamento com os autores acerca da pergunta que nos profere: “qual a relação do pensamento

com a terra?” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113). Os filósofos nos inspiram à criação de uma geofilosofia. Geo implica um plano de imanência onde forças se compõem num intenso movimento em que a terra territorializa e desterritorializa, deslizando em movimentos errantes, ou seja, movimentos nômades, movimentos que são a própria vida.

Movimentos que se assemelham com a produção de currículos tecida cotidianamente nos espaços educativos, cuja produção se movimenta em linhas pulsantes oriundas de acontecimentos que transformam e criam modos outros de viver a escola e, por conseguinte, *viverfazer*⁶ os currículos.

Essa aposta se efetua nos movimentos de experiências que estão para além das prescrições como, por exemplo, as intermináveis listas de conteúdos que “constituem” as grades curriculares. Nossa concepção de currículo se amplia e entende que os modos vividos e sentidos engendram esta produção. A afirmação de Carvalho (2012b, p. 15) corrobora nosso pensamento ao evidenciar que,

[...] são variadas as concepções de currículo e, quando se penetra na realidade do currículo, vê-se que as divergências nas definições não são uma questão de interpretação semântica, pois fazer currículo não é um ato neutro, mas um ato de comprometimento derivado das perspectivas *teoricopráticas* dos que concebem e vivem.

Mas, quem vive o currículo? Quem o pratica? Quem se empodera com os usos dos currículos nos espaços educativos? Seriam as crianças reconhecidamente praticantes neste processo de produção curricular?

As problematizações trazidas neste artigo nos colocam a movimentar o pensamento a respeito da força que as crianças incidem sobre tais processos como potência inventiva nos currículos da educação infantil. Mas como capturar essas forças? Por meio de suas enunciações coletivas.

Os enunciados infantis nos movem na ruptura dos dogmatismos curriculares, seguindo por linhas de fluxos de uma nova terra/território curricular. Tomar os enunciados como força inventiva é romper com práticas prescritivas que insistem em conceber currículos para as crianças, e não com as crianças.

Ao participarmos dos cotidianos de um CMEI (Centro de Educação Infantil)⁷, percebemos as desterritorializações agenciadas pelas crianças nos processos das produções curriculares, por meio de enunciados coletivos que deslizam sobre superfícies que desmontam ideias estratificadas por heranças de um *aprenderensinar* dogmatizado.

Ao participarmos de um trabalho investigativo de formação docente em um CMEI em Serra-ES, acompanhamos um trabalho realizado por uma professora de educação infantil que lecionava para crianças de cinco anos de idade.

A professora, dividida entre o desejo de um trabalho agenciado pelas relações que se constituíam a partir dos bons encontros e pelas práticas “tarefeiras”, permitiu-se as experiências do trabalho com as crianças, que produzem possíveis na criação de novas terras curriculares.

Na contramão das proposições oficiais e de práticas que induzem movimentos mecânicos nos processos de *aprenderensinar* com crianças pequenas, capturamos enunciados que expressam, coletivamente, desejos por uma aprendizagem afetiva que estão para além das atividades de prontidão, nas quais as crianças inscrevem sentidos outros ao experienciarem o espaço educativo.

⁶ Juntar as palavras é um recurso utilizado por pesquisadores no campo dos estudos com os cotidianos para buscar produzir sentidos outros para além daqueles de quando as palavras não estão unidas.

⁷ CMEI localizado no município de Serra-ES, onde ocorreram os movimentos investigativos.

Numa experiência literária, a professora e as crianças são levadas por fluxos de intensidades sentidos/vividos por meio da personagem Jéssica⁸, através dos bons encontros produzidos com a história. Os afetos abrem fendas para uma nova terra, fértil na proliferação de mundos possíveis.

Os afetos emergem como forças para a fabricação de currículos-Gaia, provocando nas crianças, enunciados que expressam sentidos outros nos processos educativos, para além das propostas mecanizadas e repetitivas que prezam pura e simplesmente uma aprendizagem pautada na memorização, decodificação e representação de conteúdos determinados.

As crianças, ao experienciarem a história de Peter Carnavas, “A caixa de Jéssica”, são instigadas pela professora a falarem sobre o que deveria ter no CMEI se ele fosse uma grande caixa. As crianças não hesitam e logo, falando quase que ao mesmo tempo, enunciam: Amizade, pônei, carrinho, brinquedos, brincar juntos, joguinho, alegria, Patati e Patatá, mais carinho da professora, carro, *videogame*, mamãe gostar de mim, não ficar tanto tempo sentados, um diário com segredos dos amigos, carinho, menos briga.

As falas se misturam e enunciam a produção de sentidos sobre o espaço educativo, de modo que a escola, por meio das crianças, potencialize os enunciados menores como força nos processos educativos, que engendram a vida em meio aos desejos, amizade, família, alegria, afetos, cuidados.

Em outro momento, as crianças também enunciam que o espaço educativo atua como força que rompe com os modos que condicionam os aprisionamentos, ao desejarem que o CMEI assuma outras formas, ou até mesmo, sair da caixa:

Eu queria que a escola fosse na minha casa! (Gabriel, 5 anos).

Não gosto da escola ser caixa. Eu queria que ela fosse um coração. (Lara, 5 anos).

Não pode colocar os bichos dentro de caixa, é pecado. (Jacson, 5 anos).

Professora, por que o CMEI tem que ser uma caixa? Eu acho melhor sair da caixa. (Alicia, 5 anos).

As enunciações coletivas revelam uma grupalidade que move os afetos a partir de um coletivo que deseja que os processos educativos aconteçam em meio uma vida imanente. Para Deleuze e Guattari (1997), o afeto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica; ele é “[...] a efetuação de uma potência de matilha” (PARAISO, 2016, p. 21). Além disso, a enunciação que diz preferir “sair da caixa” nos remete também à ideia de sair da forma. Da forma escolarizante que tangencia uma aprendizagem artificializada, muitas vezes sem relação com a vida.

Muitas vezes a gente fica desesperada pensando: o que eu vou trabalhar com as crianças? Qual projeto irei desenvolver com elas este ano? Procuo na internet, com as colegas, enfim, às vezes fico até abril sem saber o que trabalhar, qual projeto desenvolverei com as crianças. E, no final, estou eu lá, capturada pelas xerox, pela cópia nos cadernos, mesmo propondo um trabalho diferenciado com elas. Com a personagem Jéssica foi interessante, porque não havia de antemão um roteiro preestabelecido. À medida que a história ia sendo contada, elas já diziam as possibilidades do que poderia acontecer. É de fato a gente deixar que as crianças falem o que querem, como querem, e nós, professoras do grupo V, também ficamos mais contentes, porque não precisamos ficar naquele desgaste sem fim de ficar controlando o comportamento das crianças. Aprendemos com elas, sabe? É possível! (Docente GV).

⁸ Personagem do livro “A caixa de Jéssica”, de autoria de Peter Carnavas.

O enunciado da docente está encharcado de alegria, encantamento, provocações produzidas pelos bons encontros com o povo criança⁹ do Território-CMEI que, em composição, puderam experienciar movimentos de fabulação, de afetos, de amizade, de invenção. Esses movimentos aumentaram sua potência de agir nos processos educativos como força para inventar currículos outros que ativem modos de existências mais alegres e que anunciem a vontade de escola por meio da ocupação das brechas em meio às tentativas de silenciamentos que as prescrições oficiais pretendem.

Apesar do fragmento do processo investigativo, a desconstrução das crianças, no que tange os conteúdos pelos conteúdos, mostra-nos que há afetos que pulsam nos atravessamentos dos espaços educativos, entre a vida das crianças e a escola. Dessa forma, não há como separar essas dimensões.

Após vivenciarem toda a leitura, como culminância, foi solicitado às crianças que trouxessem uma caixa cheia de objetos que correspondessem aos desejos e sonhos em relação ao CMEI.

No dia marcado, a professora fez uma roda e pediu que cada criança apresentasse seus objetos que estavam dentro da caixa. Para sua surpresa, uma criança não havia colocado nada dentro da caixa. A professora indaga a criança o porquê de a caixa estar vazia. Então a criança mostra todos os botões, contas, miçangas, coladas nas laterais da caixa e diz: “minha caixa está cheia, só que por fora!”

As crianças rompem com a forma, atuam no inesperado e nos convocam a problematizar o “fora” como um possível.

À guisa da (não) conclusão...

Aberturas! Abrir caminhos, ampliar horizontes, traçar mapas, desterritorializar territórios fixados e entrar em movimento com o planeta holisticamente são alguns possíveis que os currículos-Gaia agenciados pelas crianças podem produzir. Tratar da complexidade da produção curricular é colocar-se, lançar-se ao questionamento, é inquietar-se, é desestabilizar.

Neste movimento desterritorializante, os docentes também assumem um devir-criança que desliza sobre os espaços lisos, criando condições de perfurar as estruturas curriculares, produzindo fendas que possibilitam cavidades outras que operam como possíveis na criação de novas terras curriculares, escapando de uma condição dogmática de *aprendizagemensino* e investindo na potência inventiva das crianças.

Potência essa que nos ensina que no território escolar mundos outros são possíveis de serem criados e habitados. Novas terras clamam para serem exploradas.

Áries (1981) nos chama atenção para o prefixo “in” que indica a ideia de negação. O infante: sem voz. Aquele que não possui a fala. Pensarmos na potência inventiva das crianças é dar voz aos que não têm. É instrumentalizar nossos pequenos de modo que se constituam de fato em um povo. Que estes se articulem coletivamente, agenciando currículos que engendrem, para além de uma proposta puramente conteudista, movimentos de criação, de inventividade, nos quais quem aprende ensina e quem ensina aprende.

À produção de currículos-gaia e em nome dos currículos, afirmamos, com Amorim (2010, p. 1),

[...] traçam-se territórios e fantasmagorias do poder. O nome currículo pede, cada vez mais, por um corpo, organicidade material, enunciação discursiva e linguagem plena de significação. Emaranhando-se em palavras que o

⁹ A ideia de povo nos remete à habitação de território, neste caso, território-CMEI. Segundo Gallo (2010), o povo criança se constitui por suas relações políticas próprias e que encontra na escola o seu lugar.

qualificam, adjetivam, desconstroem, fazem-no deslizar incansavelmente, ao currículo deixa-se o lugar da percepção nos intervalos, desvios entre uma ação e uma reação.

E entre uma ação e uma reação, a importância de desterritorializar práticas curriculares e produzir currículos-nômades, currículos-rizomas, currículo-caos, currículos-Gaia.

Ousar escrever com as crianças é sempre uma ousadia! É mover-se. Desterritorializar-se. Criar mundos outros. Criar currículos. Criar currículos-gaia.

Referências

AMORIM, Antônio Carlos. *Deleuze e Currículo no intervalo de palavras e imagens*. Campinas: Unicamp, 2010. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/gtcurrículoanped33RA/trabalhos/ACAMORIM_unicamp.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

ÀRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

CARNAVAS, Peter. *A caixa de Jéssica*. Trad. Rosana Rios. São Paulo: Ed. FTD, 2010.

CARVALHO, Janete Magalhães. Devir-docência potencializando a aprendizagem sem medo. In: ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2012a. p. 222-234.

CARVALHO, Janete Magalhães. Potência do “olhar” e da “voz” não dogmáticos dos professores na produção dos territórios curriculares no cotidiano escolar do ensino fundamental. In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). *Infância em territórios curriculares*. Petrópolis/RJ: DP et Alli, 2012b.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. inicial – p. final do capítulo.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix; *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação: parte um – Deleuze e a filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. *Revista Educação e Realidade*, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GALLO, Sílvio. Infância e poder: algumas interrogações à escola. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). *Devir criança da filosofia: Infância da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 109-121.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *A docência como território de encontros, experimentações e fugas*. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0015/3772/A_Docencia_como_Territorio_de_Encontros.pdf. Acesso em: 04 de junho de 2016.